

Coro e Orquestra Gulbenkian

Peter Dijkstra
Ilse Eerens
Anke Vondung
Zachary Wilder
Hugo Oliveira



20 + 21 mar 25

20 mar 25 QUINTA 20:00

21 mar 25 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Coro e Orquestra Gulbenkian

Peter Dijkstra Maestro

Ilse Eerens Soprano

Anke Vondung Meio-Soprano

Zachary Wilder Tenor

Hugo Oliveira Barítono

Francisco Lima Santos Violino

Martin Henneken Violoncelo

Pedro Vares de Azevedo Contrabaixo

Sónia Pais Flauta

Amalia Tortajada Flauta

Pedro Ribeiro Oboé d'amore

Alice Caplow-Sparks Oboé d'amore

Ricardo Ramos Fagote

Raquel Saraiva Fagote

Luís Duarte Moreira Trompa

Sérgio Pacheco Trompete

Sérgio Silva Órgão

Miguel Jalôto Cravo

Inês Tavares Lopes Maestra ensaiadora do Coro Gulbenkian

Johann Sebastian Bach

Missa em Si menor, BWV 232

Kyrie

Gloria

INTERVALO

Symbolum Nicenum (Credo)

Sanctus – Osanna – Benedictus

Agnus Dei

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h 15 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Johann Sebastian Bach

(Eisenach, 1685 – Leipzig, 1750)

Missa em Si menor, BWV 232

—

COMPOSIÇÃO 1733-1749

ESTREIA Leipzig, 10 de abril de 1859

DURAÇÃO c. 1h 50 min.

Magnum opus de Johann Sebastian Bach, a *Missa em Si menor* é o resultado de uma compilação de coros e árias de cantatas sacras e profanas. Num gesto recorrente ao longo da sua vida, Bach readaptou, com uma precisão notável, obras anteriormente compostas [num processo designado por *paródia musical*], diligentemente transpostas do alemão para o latim e coerentemente articuladas, numa sucessão admirável de texturas musicais, como se de um todo unificado se tratasse. *Kantor* da igreja de S. Tomé, em Leipzig, prestigiado cargo que detinha desde 1723, Bach desejava ser nomeado *Compositor* da Corte de Dresden, um dos centros musicais mais fulgurantes do espaço cultural alemão. Neste sentido, a 27 de julho de 1733, entregou ao Eleitor da Saxónia, Augusto III, uma *Kurzmesse* [pequena missa], dizendo na carta que acompanhava a partitura: “apresento a Vossa Alteza Real este pequeno produto da ciência que alcancei na Música, com o mais humilde pedido de que se digne a considerá-la (...) e assim me leve para a sua proteção”.

A *Missa de 1733*, como hoje é designada, foi escrita entre fevereiro e julho, período de luto pela morte do anterior Eleitor, Augusto II. Dividida em 12 andamentos, a *Missa* compreende o *Kyrie* e o *Gloria*, as duas primeiras rubricas do *ordinário* da missa, valendo-se das seguintes paródias:

2. *Christe eleison* (8.º andamento da cantata BWV Anh.9, 1727, escrita para o aniversário de Augusto II, de visita a Leipzig); 3. *Kyrie* (8.º andamento da cantata BWV 244a, 1729); 6. *Laudamus te* (6.º andamento da cantata BWV Anh.9); 7. *Gratias* (2.º andamento da cantata BWV 29, 1731); 8. *Domine Deus* (5.º andamento da cantata BWV 193a, 1727, igualmente escrita em homenagem a Augusto II); 9. *Qui tollis* (coro inicial da cantata BWV 46, 1723); 10. *Qui sedes* e 11. *Quoniam* (respetivamente, 12.º e 10.º andamentos da cantata BWV Anh.9).

Dada a circunstância da conversão de Augusto II ao catolicismo, tal como o seu filho, Augusto III, condição essencial para serem eleitos rei da Polónia, criara-se uma situação excepcional: ainda que a Corte de Dresden fosse oficialmente católica, mantinha uma capela luterana. Ao contrário do que uma certa historiografia fez querer, o *ordinário* da missa católica em latim foi adotado por Lutero, restringindo, contudo, a sua utilização apenas aos serviços religiosos de maior solenidade do calendário litúrgico. Ou seja, a *Missa de 1733* tanto poderia ser interpretada na capela católica como na capela luterana e, certamente, foi idealizada tendo no horizonte as qualidades excepcionais de alguns dos músicos que serviam a corte: Pisender (violinista e concertino), Richter (oboé),

Schindler (trompa), e a dupla Quantz e Buffardin (flautas). Ainda que sem qualquer provento financeiro, a 19 de novembro de 1736, Bach seria nomeado *Hofkomponist* [Compositor da Corte]. Nos derradeiros anos da sua vida, entre 1748-49, regressou à *Missa de 1733* acrescentando as rúbricas do *ordinário* da missa em falta e organizando-a em cadernos: Parte I - *Missa [Kyrie e Gloria]*; Parte II - *Symbolum Nicenum [Credo]*; Parte III - *Sanctus* e Parte IV - *Osanna, Benedictus, Agnus Dei e Dona nobis Pacem*. A Parte II assenta num eloquente plano de simetria: 1. *Credo* (coro – *cantus firmus*); 2. *Patrem omnipotente* (coro – estilo concertante); 3. *Et in unum Dominum* (ária); 4. *Et incarnatus est* (coro); 5 *Crucifixus* (coro); 6. *Et ressurexit* (coro); 7. *Et in Spiritum* (ária); 8. *Confiteor* (coro – *cantus firmus*); 9. *Et expecto* (coro – estilo concertante). Apesar de ter composto três andamentos, os números 1, 3 e 4 (considerada a última composição de Bach), os restantes derivam de composições anteriores: *Patrem* (1.º andamento da cantata BWV 171, 1729); *Crucifixus* (2.º andamento da cantata BWV 12, 1714); *Et ressurexit* (1.º andamento da cantata BWV Anh.9); *Et expecto* (2.º andamento da cantata BWV 120, 1728). A Parte III foi originalmente escrita para o Natal de 1724 e a Parte IV corresponde a várias fontes: *Osanna* (1.º andamento da

cantata BWV 215, 1734); *Agnus Dei* (4.º andamento da Oratória da Ascensão, BWV 11, 1735); *Dona nobis pacem* (2.º andamento da cantata BWV 29, 1731). Como salienta Robin Leaver, ao transpor música associada ao *proprium* (com uma função litúrgica específica para um determinado dia do ano eclesiástico) para *ordinarium* (comum a todos os serviços religiosos), Bach pretendia assegurar maior versatilidade do seu legado musical, alargando as possibilidades de futuras interpretações. Verdadeiro compêndio da obra do compositor, a *Missa em Si Menor* é uma *réunion des goûts* [reunião de gostos], do *stylus gravis* ao *stylus majestaticus*, passando pela invocação das linguagens musicais italiana, francesa e alemã, com as suas gramáticas expressivas e particularismos rítmicos. Igualmente, o mundo luterano reúne-se ao católico, um encontro espiritual, numa dupla revelação dos mistérios e da glorificação. Como testamento musical, arcaísmo e modernidade articulam-se numa linguagem barroca inexecdível, onde o racional e o sensual se transfiguram numa alquimia afetiva surpreendentemente intemporal.

JOSÉ BRUTO DA COSTA

Peter Dijkstra

O maestro neerlandês Peter Dijkstra nasceu em 1978 e estudou nos Conservatórios de Haia, Colónia e Estocolmo. Em 2003 venceu o Concurso Eric Ericson, o que impulsionou a sua carreira internacional. Desde 2022, é Diretor Artístico do Coro da Rádio da Baviera, em Munique, lugar que já ocupou entre 2005 e 2016. De 2007 a 2018, foi Diretor Musical do Coro da Rádio Sueca, sendo Maestro Laureado desde 2019. Em 2015 assumiu as funções de Maestro Principal do Nederlands Kamerkoor. É um convidado regular de outros importantes coros europeus, como o RIAS Kammerchor, o WDR Rundfunkchor, o Coro da Rádio Nacional Dinamarquesa, o SWR Vokalensemble, o Coro de Câmara Filarmónico da Estónia ou os BBC Singers. Nos domínios sinfónico e coral-sinfónico, Peter Dijkstra dirigiu, entre outras orquestras, a Sinfónica da Rádio da Baviera, a Sinfónica de Berlim, a Filarmónica de Roterdão, a Kammerphilharmonie Bremen, a Sinfónica Metropolitana de Tóquio, a Sinfónica de Stavanger, a Sinfónica da Rádio Sueca e a Orquestra de Câmara de Munique, bem como agrupamentos de música antiga. Estreou obras de Esa-Pekka Salonen, Lera Auerbach, Ēriks Ešēvalds, Jakob Mührlad, Einojuhani Rautavaara, Caroline Shaw, Martin Smolka e Joost Kleppe. As suas gravações receberam vários prémios discográficos e foram nomeadas para dois *Grammy*. Peter Dijkstra é regularmente convidado a orientar *masterclasses* e projetos de promoção do canto e da direção coral ao mais alto nível. De 2016 a 2020, foi professor de direção coral na Musikhochschule de Colónia e, desde 2023, ensina na Hochschule für Musik, em Nuremberga. É membro honorário da Academia Real Sueca de Música. Recebeu o Violino de Ouro 2013, um prémio para músicos holandeses de sucesso internacional, e o Prémio Eugen Jochum em 2014.

Ilse Eerens

Voz luminosa, sensibilidade e versatilidade, são algumas das reconhecidas qualidades de Ilse Eerens. A soprano belga interpreta um vasto repertório, do Barroco até à contemporaneidade. Em 2024/25, estreia-se no Novo Teatro Nacional de Tóquio, no papel principal de Natasha, a nova ópera de Toshio Hosokawa. Em concerto, canta *Jeanne d'Arc au bûcher* de Honegger, com a hr-Sinfonieorchester e Alain Altinoglu, na Alte Oper Frankfurt, na Philharmonie de Paris, no Musikverein de Viena e na Elbphilharmonie de Hamburgo, a Sinfonia n.º 8 de Mahler, no La Monnaie, o *Stabat Mater* de Pergolesi, com a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, e *Fatimah/Jubilation of Flowers* de Liza Lim, com a Sinfonietta de Basileia. As temporadas mais recentes incluíram atuações na Royal Opera House, no Festival de Salzburgo, no Theater an der Wien, na Ópera de Lyon, na Ópera de Lille, no Concertgebouw de Amesterdão, no Teatro Colón de Buenos Aires, no Teatro dell'Opera di Roma, no Festival de Adelaide (Austrália) e no Festival de Bregenz. Entre outros papéis, interpretou Pamina (*A flauta mágica*), Mélisande (*Pelléas et Mélisande*), papéis principais em *A raposinha matreira* de Janáček, *Matsukaze* de Hosokawa e *Der Kreidekreis* de Zemlinsky, bem como *As bodas de Figaro*, *Così fan tutte* e *Lucio Silla* de Mozart, *Béatrice et Benedict* de Berlioz, *Der Rosenkavalier* de R. Strauss, *Um baile de máscaras* de Verdi, *Guilherme Tell* de Rossini, *Cinderela* de Massenet e *Le Grand Macabre* de Ligeti. Ilse Eerens estudou no Instituto Lemmens, em Lovaina, e na Academia da Ópera Nacional dos Países Baixos. Recebeu o Prémio Arleen Auger no Concurso Internacional de Canto de 's-Hertogenbosch (Países Baixos) e foi 3.ª classificada no Concurso Internacional da ARD (2006).

Anke Vondung

Anke Vondung nasceu em Speyer, na Alemanha, cidade onde começou a tocar piano aos oito anos de idade. Estudou canto com Rudolf Piernay na Musikhochschule de Mannheim e em 1995 estreou-se no papel de Nancy, em *Albert Herring* de Britten. Foi premiada no Concurso Mozart de Würzburg (1996) e no Concurso Internacional de Gütersloh (1997) e em 1998 participou numa digressão internacional do European Opera Center, no papel de Cecilio, em *Lucio Silla* de Mozart. No mesmo ano, foi distinguida com uma bolsa de estudo da Associação Richard Wagner e premiada no Concurso Robert Saar, em Bad Kissingen, e no Concurso Hans Gabor Belvedere, em Viena. Em 1999 venceu o Concurso Mendelssohn-Bartholdy e foi-lhe atribuída uma bolsa de estudo do Festival de Ravinia.

Foi membro do Tiroler Landstheaters, em Innsbruck, e integrou a companhia da Semperoper Dresden (2003-2006). Convidada regular dos teatros de ópera da Europa e dos EUA, com destaque para as produções das óperas de Mozart e de Richard Strauss, estreou-se na Ópera da Baviera, em Munique, e no Festival de Salzburgo, em 2001. Em 2007 concretizou as suas primeiras atuações na Metropolitan Opera de Nova Iorque. Na temporada 2010-11, foi cantora convidada na Ópera Estadual de Dresden, na Ópera de San Diego e em Montreal.

Além dos seus compromissos no domínio da ópera, é regularmente convidada a colaborar com importantes orquestras da Europa, dos EUA e da América do Sul, sob a direção de maestros de renome como James Conlon, Edo de Waart, Helmuth Rilling, Philippe Herreweghe, Armin Jordan, Manfred Honeck, Markus Stenz, Iván Fischer, Philippe Jordan, René Jacobs, Peter Schreier, Gerd Albrecht, Fabio Luisi, Marek Janowski, Kent Nagano, Howard Arman, Lothar Zagrossek ou Sir Roger Norrington.

Zachary Wilder

Com uma presença vocal empolgante e uma delicadeza musical cativante, o tenor norte-americano Zachary Wilder surge como um intérprete exemplar da música dos séculos XVII e XVIII. Solicitado por maestros de ambos os lados do Atlântico, colabora com prestigiados agrupamentos como Pygmalion, Les Arts Florissants, L'Arpeggiata, Les Talens Lyriques, Le Concert d'Astrée, Boston Early Music Festival, Bach Collegium Japan, Handel and Haydn Society, Nederlandse Bachvereniging e Nederlands Kamerkoor. Apresenta-se também regularmente com orquestras como a Sinfónica de São Francisco ou a Sinfónica de Saint Louis, abordando um repertório mais amplo. Desempenhos de destaque incluem *On Wenlock Edge* de Vaughan-Williams e *Nocturne* de Britten, com a Sinfónica de Charlottesville, e o papel de Mark, em *200 Motels* de Frank Zappa, no Musica Festival Strasbourg e na Philharmonie de Paris. As temporadas recentes foram pontuadas por empreendimentos significativos, incluindo a digressão *Monteverdi 450*, com Sir John Eliot Gardiner, *Radamisto* de Händel, com Il Pomo d'Oro e Francesco Corti, *The Fairy Queen* de Purcell, na Drottningholm Opera, *L'Orfeo* (Erinda) de A. Sartorio, na Ópera de Montpellier, *As bodas de Figaro* (D. Basilio), com Raphaël Pichon, e *Il re pastore* (Agenore), no Mozarteum de Salzburgo, com Christina Pluhar.

A temporada 2024/25 é uma harmoniosa mistura de concertos e produções teatrais, com destaque para *Le lacrime di Eros* (Pastore), com o Ensemble Pygmalion e Raphaël Pichon, na Ópera de Amesterdão. Participa em duas digressões dedicadas às *Vésperas* de Monteverdi, com Pygmalion (Paris, Antuérpia e Versalhes) e I Gemelli (Amesterdão, Barcelona e Sevilha) e revisita o papel de Agenore, em *Il re pastore*, em Salzburgo, assinalando o 250.º aniversário da estreia desta ópera de Mozart.

Hugo Oliveira

Natural de Lisboa, Hugo Oliveira foi membro do Estúdio de Ópera do Porto – Casa da Música, onde participou em produções de *Joaz* de B. Marcello, *L'Ivrogne Corrigé* de Gluck e *Frankenstein!* de Heinz-Karl Gruber, tendo repetido esta última com a Orquestra Sinfónica de Londres e o maestro François-Xavier Roth, no Barbican Centre. Inserido na prestigiada série de ópera *Concertgebouw – ZaterdagMatinee NPS*, interpretou *La Wally* de Catalani e *Samson et Dalila* de Saint-Saëns, com Giuliano Carella, e *Lohengrin* de Wagner, com Jaap van Zweden. No Festival d'Aix-en-Provence foi o protagonista de *Un Retour* de Oscar Strasnoy. Interpretou ainda *As bodas de Figaro* no Coliseu do Porto, *Les malheurs d'Orphée* de Milhaud, em Paris (Cité de la Musique), *Melodias Estranhas* de António Chagas Rosa, com Stefan Asbury, *Paint me* de Luís Tinoco, *L'enfant et les Sortilèges* (Concertgebouw de Amesterdão), *Dido e Eneias* de Purcell, *Vénus e Adonis* de John Blow, *Le Carnaval et La Folie* de Destouches e *Rappresentatione di Anima et di Corpo* de Cavalieri (Staatsoper Berlin). O seu vasto repertório estende-se ainda à oratória, salientando-se obras como o *Requiem* e a *Missa em Dó menor* de Mozart, *Die Legende von der Heiligen Elisabeth* de Liszt, *Solomon* de Händel, *Pulcinella* e *Les Noces* de Stravinsky e *Jetzt immer Schnee* de Gubaidulina. Tem-se destacado internacionalmente pela interpretação do repertório de J. S. Bach, com maestros como Ton Koopman, Frans Brüggen, Peter Dijkstra, Klaas Stok, Paul Dombrecht, Peter van Heyghen e Václav Luks. Trabalhou ainda com Jordi Savall (Le Concert des Nations), Bruno Weil (Wallfish Band), Gabriel Garrido (Ensemble Elyma), Andrzej Kosendiak (Wrocław Baroque Orchestra), Kenneth Weiss, Nigel North, Lawrence Cummings e Christophe Rousset.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto a *capella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. O Coro Gulbenkian participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Martina Batič é a atual Maestra Titular, Inês Tavares Lopes é Maestra Adjunta e Jorge Matta é consultor artístico.

SOPRANOS

Beatriz Ventura
Carina Matias Ferreira
Catarina Carvalho
Claire Rocha Santos
Filipa Passos
Inês Rasquinho
Isabel Cruz Fernandes
Margarida Simões
Maria José Conceição
Mónica Beltrão
Teresa Duarte
Verónica Silva

CONTRALTOS

Beatriz Cebola
Bianca Varela
Carmo Pereira Coutinho
Estrela Martinho
Fátima Nunes
Joana Esteves
Joana Nascimento
Lucinda Gerhardt
Madalena Barão
Markéta Chumová
Patrícia Manso
Rita Tavares

TENORES

Aníbal Coutinho
Artur Afonso
Bruno Sales
Dinis Rodrigues
Francisco Cortes
Gustavo Paixão
Jorge Leiria
Miguel Carvalho
Pedro Miguel
Simão Pourbaix

BAIXOS

Afonso Moreira
Alexandre Gomes
Gonçalo Freitas
Henrique Coelho
João Costa
José Bruto da Costa
Miguel Jesus
Nuno Gonçalo Fonseca
Pedro Casanova
Rui Bôrras

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Inês Rosário
Marta Ferreira de Andrade
Inês Nunes

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Francisco Lima Santos CONCERTINO
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Alessandro di Marco 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Matilde Araújo
Catarina Ferreira
Rui Cristão

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Piotr Rachwał 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Miguel Simões
Asilkan Pargana
Catarina Resende

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
João Tiago Dinis 2º SOLISTA
Nuno Soares
Sara Moreira
Micaela Miranda
Raquel Noemi
Márcia Marques
Sara Farinha

VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA
Emeraude Bellier 1º SOLISTA
Martin Henneken 1º SOLISTA
Raquel Reis 2º SOLISTA
Jeremy Lake
Gonçalo Lélis
João Valpaços
Hugo Paiva

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA
Manuel Rêgo 1º SOLISTA
Marine Triolet 2º SOLISTA
Miguel Menezes
Diogo Pereira

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA
Sónia Pais 1º SOLISTA
Amalia Tortajada 2º SOLISTA

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA
Nelson Alves 1º SOLISTA
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA
CORNE INGLÊS
Sofia Rosa 2º SOLISTA*

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA
Telmo Costa 1º SOLISTA
José Maria Mosqueda 2º SOLISTA
CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA
Vera Dias 1º SOLISTA
Raquel Saraiva 2º SOLISTA
CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA
Kenneth Best 1º SOLISTA
Pedro Fernandes 2º SOLISTA
Antonia Chandler 2º SOLISTA

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA
José Pedro Pereira 2º SOLISTA
Sérgio Pacheco 1º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA
Rui Fernandes 2º SOLISTA
Thierry Redondo 2º SOLISTA
TROMBONE BAIXO

TUBA

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA
Tomás Rosa 1º SOLISTA*

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

ÓRGÃO

Sérgio Silva 1º SOLISTA*

CRAVO

Miguel Jalôto 1º SOLISTA*

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins
Marta Ferreira de Andrade
Pedro Canhoto
Fábio Cachão
Inês Nunes

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

